

qP PUKCAMP

I

Universidade e Compromisso Popular

TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO
COORDENADO PELO PROF. PAULO FREIRE COM A
COLABORAÇÃO DOS PROFS. ADRIANO NOGUEIRA
E DÉBORA MAZZA

CAMPINAS, 20 DE AGOSTO DE 1986.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Administração Superior

É exercida pela Sociedade Campineira de Educação e Instrução, cujo Presidente é o Sr. Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Metropolitano de Campinas.

Administração-Geral

É exercida pela Reitoria, pelo Conselho Universitário e pela Assembléia Universitária.

Administração Especial

É exercida pela Direção de cada Unidade Universitária.

GRÃO-CHANCELER

Dom Gilberto Pereira Lopes

MAGNÍFICO REITOR

Prof. Eduardo José Pereira Coelho

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Prof. Antonio José de Pinho

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS

Prof. Paulo de Tarso Barbosa Duarte

UNIVERSIDADE E COMPROMISSO POPULAR

ÍNDICE GERAL

1. APRESENTAÇÃO	3
<i>Eduardo José Pereira Coelho</i>	
2. ABERTURA	5
<i>Paulo de Tarso Barbosa Duarte</i>	
3. QUESTÕES MOTIVADORAS	6
<i>Maria Soares de Camargo</i>	
4. O COMPROMISSO POPULAR DA UNIVERSIDADE	8
<i>Paulo Freire</i>	
5. SABER E PODER	25
<i>Adriano Nogueira</i>	
6. MUNDO UNIVERSITÁRIO - MUNDO POPULAR	33
<i>Débora Mazza</i>	
7. SÍNTESE DAS QUESTÕES	39
<i>(1ª fase)</i>	
8. SÍNTESE DAS DISCUSSÕES	
DOS GRUPOS DE TRABALHO	51
<i>(2ª fase)</i>	
9. COMPLEMENTAÇÃO DOS DEBATES	
PELOS EXPOSITORES	55
10. ENCERRAMENTO	61

APRESENTAÇÃO

Eduardo José Pereira Coelho

Reitor da PUCCAMP

A presente publicação tem por objetivo trazer para conhecimento público, colocações, idéias e indagações surgidas durante a realização do I Seminário Universidade e Compromisso Popular, realizado por iniciativa desta Reitoria em 20 de agosto de 1986. Trata-se da transcrição, na íntegra, do referido Seminário que, aberto à comunidade, foi mais diretamente dirigido aos grupos de docentes e alunos que participam dos nossos serviços.

Este Seminário deve ser entendido, por um lado, dentro do contexto atual da PUCCAMP e do desenvolvimento do seu projeto pedagógico e, por outro lado no interior das mudanças mais gerais da sociedade onde esta Universidade se insere.

No nível da PUCCAMP a continuidade e o aprofundamento de seu projeto pedagógico, iniciado em 1981, já apontava para a necessidade de se estabelecerem critérios e ações mais concretas com relação à Extensão Universitária e às suas articulações com a sociedade.

Apontava ainda para a necessidade de integração contínua das práticas de ensino, pesquisa e extensão.

Paralelamente assistimos, na sociedade brasileira atual, a um recrudescimento dos movimentos da sociedade civil que buscam discutir de forma mais clara e aprofundada as determinações de suas condições de vida, incluindo os aspectos políticos, econômicos e sociais.

Neste momento pensamos que cabe à Universidade assumir o seu papel social, através da contribuição concreta de sua comunidade acadêmica junto a estes setores.

A questão da Universidade e do compromisso popular apresenta-se assim com uma dupla face: o desejo de imprimir mudanças internas na PUCCAMP e a necessidade de transformações concretas do contexto social. Neste sentido o trabalho a que nos propusemos é o de constituir esta articulação de forma que Universidade e Sociedade encontrem canais de participação.

O Professor Paulo Freire vem nos assessorando desde março de 1986 procurando contribuir com os grupos que, de diversas formas, têm se preocupado com esta questão.

O Seminário teve também suas origens nestas reflexões.

Esta publicação, ao retratar um momento de troca de experiências entre os diversos grupos que atuam nos serviços desta Universidade, pretende ser a primeira de uma série que venha divulgar a evolução do pensamento de nossa comunidade acadêmica à respeito da relação Universidade-Sociedade.

ABERTURA

Paulo de Tarso Barbosa Duarte
Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos - PUCCAMP

Eu gostaria de destacar, na abertura deste encontro, a presença do professor Elias Boaventura, Magnífico Reitor da Universidade Metodista de Piracicaba; destacar a presença do professor Darcy Paz de Pádua, Secretário de Promoção Social do Município e Vice-Presidente da Sociedade Campineira de Educação e Instrução, Mantenedora desta Universidade; destacar igualmente a presença do professor Enildo Galvão Carneiro Pessoa, digníssimo Secretário de Educação do Município e Professor da Faculdade de Serviço Social desta Universidade.

A Universidade Católica de Campinas tem procurado se ajustar às diretrizes da Igreja a que se vincula. Isto tem sido um esforço e tem sido preocupação da Universidade refletir, pensar a prática que vem tentando desenvolver na direção de realizar concretamente uma opção preferencial pelas categorias marginalizadas da população. Trata-se mais do que tudo, de um horizonte, de uma meta a alcançar, mas há algumas experiências em curso, e, para a revisão destas experiências, para a reflexão desta prática, a PUCCAMP tem contado com o professor Paulo Freire, desde o início deste ano. Uma vez por semana, diferentes setores desta Universidade se têm encontrado com o professor Paulo Freire, em intensas reuniões de trabalho.

Este seminário, hoje, pretende ser mais um momento de revisão desta prática e de abertura de novos caminhos, destacando o compromisso popular que uma Universidade deve ter e que particularmente a nossa Universidade pretende ter. Esse é fun-

damentalmente o sentido desta reunião de trabalho

Para que esta reunião de trabalho possa começar sem mais delongas, eu passaria a palavra à professora Maria Soares, que coordena a área de Assessoramento de Serviços Comunitários da Reitoria da Universidade.

QUESTÕES MOTIVADORAS

Maria Soares de Camargo

Assessora de Serviços Comunitários - PUCCAMP

Durante o primeiro semestre, tivemos ocasião de conversar com vários grupos, envolvidos nessas experiências que nós estamos chamando de Serviços Comunitários. Algumas questões apareceram com mais relevância.

Uma delas é a questão a que o Paulo de Tarso aludiu, a opção preferencial pelos pobres. Em quase todos os projetos pedagógicos existe essa expressão, e achamos que devemos refletir melhor sobre ela. Na verdade temos que ver se nesses serviços que estão sendo prestados, que servem normalmente de campo de estágio para capacitação de alunos, se realmente existe uma opção pelos pobres ou se os pobres é que não tem outra opção senão a de sujeitar-se a serem objeto do trabalho dos alunos e professores da PUCC. Porque essa é uma verdade... a gente não vai fazer fisioterapia de graça para as classes não populares porque é a nossa opção, é que as classes populares não têm outra opção... Acho que a gente deveria pensar nisso.

Nós também queremos ver o que realmente pretendemos junto às classes populares. Será que não estamos querendo alguma coisa delas, a gente não tem uma idéia na cabeça quando vai fazer esse trabalho?

Outra questão que nós sentimos é se a atuação dos alunos, mesmo dos professores, num bairro junto às classes populares, é a mesma atuação que teria, por exemplo, um voluntário numa obra social? Ou um ativista de um partido político? Ou é uma atuação enquanto uma entidade educacional, enquanto Universidade? Esse é um outro ponto que nós gostaríamos de refletir hoje.

E mesmo sobre a docência em serviço, que em bora com condições de trabalho muito desfavoráveis, a gente tem procurado enfatizar. Até que ponto estamos enfrentando a questão teoria e prática? Até que ponto não continua a teoria na sala de aula, e uma prática que não tem muito a ver na periferia? O que tem a ver os nossos serviços comunitários com a ciência?

Nós vamos conversar sobre isso no período da manhã, pelo menos essa é a dinâmica que a gente propõe: que o Paulo Freire fale, o Adriano e a Débora, daí nós levantaríamos outras questões.

Uma questão que nós imaginamos que vai surgir, que gostaríamos de refletir principalmente no período da tarde, é a questão da metodologia. Sentimos que vários professores e alunos que estão com trabalho efetivo no bairro chegam num momento que não sabem bem como prosseguir, como falar com o povo, como entender o povo. Então as questões do "como", a partir das dificuldades concretas, seriam levantadas por nós na parte da tarde, em grupos, e depois retomadas lá pelas 4 horas pelo Paulo Freire numa plenária final.

Essa é a nossa proposta para o dia de hoje.

Passemos agora imediatamente a palavra ao professor Paulo Freire.

O COMPROMISSO POPULAR DA UNIVERSIDADE

Paulo Freire

Consultor da PUCCAMP

Agora, pela manhã, tentarei umas reflexões em torno do tema central que nos reúne: *O compromisso popular da Universidade*. Reflexões em cuja caminhada irei apanhando um aspecto aqui outro ali, num discurso possivelmente pouco arrumado, pouco sistematizado, mas coerente. Gostaria, porém, em primeiro lugar, de salientar a presença, entre nós, do Prof. Elias Boaventura. Elias é um dos tantos reitores que me convidaram a trabalhar neste país, quando voltamos do exílio.

Eu havia sido proposto pela Faculdade de Educação da UNICAMP para ser professor e o reitor, na época, simplesmente arquivou a proposta sem palavra dizer. Vocês podem imaginar o que significava, em meados de 1980, mesmo considerando o clima de abertura que o país vivia, a indicação de meu nome para ensinar numa Universidade estadual. Acrescenta-se que o Governador do Estado era o sr. Paulo Maluf. Já estávamos em setembro e o reitor insistia em manter-se silencioso em face de uma proposta feita em maio. Foi necessário, então, que uma comissão composta de alunos e professores solicitasse que o reitor finalmente se pronunciasse. Que dissesse sim ou não. O reitor disse sim e fui contratado.

Faço referência a este fato para salientar o seu gesto, Elias. Naquele momento de indecisão, de medo, em que a muitos ex-exilados e exiladas se recusava trabalho, você não temeu. Assim que soube o que ocorria comigo, me telefonou, oferecendo a mim um lugar na Universidade Metodista de Piracicaba. E você sabia o que estava fazendo.

Creio que, ao discutirmos o tema que nos traz aqui, eminentemente político, é importante sublinhar testemunhos como este. Como o desta mulher extraordinária, Nadir Kfoury, que reitoria à frente da PUC de São Paulo, mais do que me recebeu, em 1979, no Tuquinha em festa, cheia de alegria, enfrentou o árbitro, cheia de coragem.

Havia e há Universidades que revelavam e revelam ousadia. Algumas delas privadas, mas de espírito público. Privadas, mas recusando-se a assumir a natureza de empresa capitalista. Daí a sua ambiguidade radical.

Se aumentam ou elevam as taxas, seus estudantes, com razão, entram em greve. Se não elevam as taxas, dificilmente poderão pagar menos mal a seus funcionários administrativos e a seus professores os quais, com razão, entram em greve.

A greve dos estudantes que reivindicam custos menos elevados para sua educação, a greve de funcionários administrativos e de professores que demandam melhores salários, sobretudo quando às greves se junta a exigência de melhores condições de trabalho têm que ver com o nosso objeto de estudo para o dia de hoje. A greve dos funcionários administrativos, a greve dos professores, enquanto direito do trabalhador, e também a greve dos estudantes, não podem escapar do horizonte de quem sonha com uma Universidade comprometida com o Povo. Quando digo *povo* sei que estou usando uma categoria demasiado aberta, imprecisa. Mas sei também

que ninguém nesta sala pensa que com povo estou pretendendo significar o seu contrário antagônico: o anti-povo, o explorador, o dominante, enquanto classe. Me lembro agora de um texto escrito por uma jovem operária paulista em que, em certo momento, pergunta: "Quem é Povo?" "Povo é quem não pergunta quem é povo", responde. É neste sentido que estou falando aqui em Universidade comprometida com o Povo.

Este é, na verdade, um tema importante hoje e que vem se tornando cada vez mais presente nas preocupações político-pedagógicas de muitos de nós. Este tema será sublinhado intensamente nestes anos que nos separam ou nos aproximam do próximo século. E o será na medida em que o desenvolvimento das forças produtivas (não importa que na perspectiva capitalista) necessariamente provocará reações populares no sentido da demanda de educação para os filhos do Povo, por parte dos pais e mães destes filhos, e no da demanda de educação para elas e para eles também. Indo além da conscientização de si - passo que não se dá mecanicamente, a classe trabalhadora exigirá cada vez mais. Uma das questões que devemos nos colocar é a de como nos preparamos e preparamos outros para responder a este desafio histórico, se a nossa opção se dá na direção dos interesses das classes populares.

Não tenho dúvida nenhuma de que cada vez mais se torna menos possível ao intelectual brasileiro, não importa sua opção político-ideológica, experimentar um tipo de vida em que se podia dar ao luxo de discutir o sexo dos anjos ou simplesmente discursar em torno da necessária revolução. O que quero dizer é que apesar de tudo, da miséria que deixa milhões de brasileiras e brasileiros mergulhados numa dor tão intensa e num sofrimento tão vasto em que, ironicamente, não se pode sofrer, as

exigências populares começam a crescer. Ontem, por exemplo, no finzinho da tarde, representantes de uma liderança sindical me procuraram a fim de discutir comigo, a criação de um Centro ou Instituto, em São Paulo, para a formação permanente de seus quadros. Há já, agora, uma fração grande da classe trabalhadora procurando assumir a responsabilidade de sua formação porque começa a perceber, mais do que simplesmente sentir, que a classe dominante não pode formar a dominada a não ser para que esta se reproduza como tal. A formação da classe dominada com vistas à transformação da sociedade injusta é tarefa da classe dominada mesma e de quem a ela realmente adira. É interessante lembrar a luta política na Itália, nos anos 70, liderada por sindicatos obreiros, no sentido de obterem o que chamavam de "52 horas" ou algo assim. No fundo reivindicavam tempo para si no tempo do trabalho para os industriais. Tempo para estudar.

No Brasil a classe trabalhadora luta ainda para assegurar estabilidade num ano... Dizer isso a um operário europeu das mesmas multinacionais que operam aqui parecerá a ele mentira. Na Itália, a exigência era estudar dentro da hora do trabalho, o estudo pago pela fábrica.

Recebi um dia em Genebra um grupo de seis a oito militantes sindicais que haviam acertado comigo uma longa conversa após a leitura da Pedagogia do Oprimido recém traduzido para o italiano. Falaram bastante da luta em que estavam empenhados, a mesma a que me refiro agora. Em certo momento disseram das tentativas de grupos patronais que, forçados a conceder o horário de estudo, pretendiam interferir na organização curricular através da determinação dos conteúdos e da escolha dos professores. Se os operários tivessem cedido teriam ganho uma batalha, mas perdido a guerra. Es

colhendo os conteúdos, a maneira como tratá-los por meio da seleção dos professores os grupos patronais poriam em prática a compreensão de classe que têm da formação do trabalhador, quer dizer, tentariam a sua reprodução como tal, como classe submetida.

Talvez se possa dizer: "Mas, que têm estas considerações de ordem política a ver com o tema que nos trouxe aqui?" O tema que nos trouxe aqui é substantivamente político. A posta em prática do que nos pareça ser o compromisso da Universidade com o povo implica uma decisão que é política. Uma Universidade não se "aproxima" ou se "afasta" das áreas populares a não ser através de uma decisão política. Por outro lado, não se aproxima ou se afasta por puro arbítrio de uma liderança. Deve haver uma relação dinâmica entre uma certa demanda das camadas populares e a decisão política de responder a ela. A decisão não se toma no ar, não se dá ao gosto da liderança mas na história, nas condições materiais que estão aí.

Isto significa não ser possível fazer história a não ser a partir das condições dadas em que nos achamos. Estas condições, porém, não são "dadas", no sentido de presenteadas, de paradas, postas aí, imutáveis. Estas condições dadas são condições dando-se, como costume dizer. Daí que o presente em que atuamos seja um tempo de possibilidades, nem sempre perfiladas, visíveis, pelo contrário, quase sempre veladas, escondidas. Por isso é que a prática político-pedagógica e a pedagógico-política demandam dos seus agentes competência científica, clareza política, bom senso, intuição, criatividade, noção de limites, ousadia, risco, sentido da oportunidade e uma forma crítica de lidar com o medo.

Um dado das condições dando-se é exatamente uma presença mais viva, mais curiosa, mais re-

belde, às vezes mesmo um tanto desconfiadamente desesperançada das massas populares. Desconfiança e desesperança como ingredientes das condições dadas, dinamicamente dando-se. A desconfiança e a desesperança de grandes setores populares têm razões concretas a explicá-las. Não fazem parte, por isso, da natureza das massas populares. Podem ir virando, numa séria e competente prática político-pedagógica, esperança e confiança.

Creio, porém, que é fundamental entender criticamente o que queremos dizer quando falamos no processo de a Universidade se aproximar das classes populares. Fundamentalmente aproximar-se aqui significa compromisso de classe, significa estar a serviço dos interesses populares. No aproximar-se não existe um "sine qua" geográfico, físico. O que quero dizer é que uma Universidade pode revelar um sério empenho em favor dos interesses populares, no campo da pesquisa, por exemplo, sem estar indo à periferia da cidade. Por outro lado, pode estar constantemente mandando seus alunos e alguns de seus professores às áreas populares de forma tão paternalista, tão burocraticamente cumpridora de prazos para estágio, que só distorcidamente se pode dizer dela que se aproxima do povo.

Conheço algumas Universidades privadas e públicas não apenas interessadas teoricamente por esta problemática mas também ensaiando algo no sentido desta aproximação. A PUCCAMP está entre estas Universidades. É preciso, contudo, afirmar sempre, talvez até repetindo-me, o quanto temos a necessidade de estar de olhos abertos, de ouvidos sensíveis, de estar críticos com relação ao que fazemos. Se, de um lado, não devemos minimizar o que realizamos, de outro não podemos ser os primeiros a nos dar a bênção. Minha impressão, porém, na medida em que fico mais íntimo do que o-

corre nesta Universidade, é a de que há uma séria intenção nem sempre, por "n" razões, fácil de ser materializada, de pô-la nos limites do possível, mais próxima do povo. Estar próxima do povo, na verdade, não significa transformar a Universidade numa espécie de Santa Casa da Misericórdia. Disto estão convecidos também os dirigentes desta Universidade.

Agora, vejamos outro aspecto da nossa realidade em processo para observar como urge reorientarmos a política educacional deste país, o que também não se faz arbitrariamente, pois a política educacional de qualquer sociedade está diretamente ligada às condições materiais que a sociedade experimenta. Observemos as estatísticas que falam da entrada de uma geração na escola de primeiro grau no Brasil. Perguntemo-nos em torno do estrato social dos meninos e meninas que estão entrando nas escolas públicas de primeiro grau. Fazamos a mesma indagação com relação aos meninos e meninas que entram na escola privada de primeiro grau. Perguntemo-nos sobre uma certa deterioração que a escola pública sofreu e vem sofrendo neste país. Observemos como esta deterioração tem que ver com a política educacional dos governos militares em favor da privatização da educação e como esta política necessariamente teria que enfatizar, de um lado, o crescimento, o desenvolvimento da escola privada, de outro, o desserviço às classes populares. O que ocorre é que uma política como esta, deslavadamente em favor das classes dominantes, não bastaria para proibir a presença de representante das classes chamadas menos favorecidas à procura de ensino superior. E aí então é que se verificava e continua a verificar-se um escândalo que só não fere os cinicamente insensíveis. De modo geral, os "pobres" neste país passam por uma escola de primeiro e segundo

graus, pública, deteriorando-se, enquanto os ricos pagam uma escola privada mais exigente e competente.

Quando uma mesma geração chega ao momento de ir à Universidade, o mínimo de pobres que terminou a escola pública só tem um caminho para a Universidade: o que os leva à Universidade ou às Faculdades privadas, caras e quase sempre precárias, com professores mau pagos, explorados, ofendidos. Os ricos, que atravessam a escola paga, estes vão para as boas Universidades federais e estaduais ou para uma ou outra Universidade privada de espírito público. Aos pobres ou aos mais pobres é que está se tornando cada vez mais difícil ficar ou chegar até mesmo a estas Universidades privadas de espírito público.

E o que dizer do número de crianças em idade escolar fora da escola? E o que dizer do número dos que, após um ou dois anos de escolaridade, são expulsos da escola? É interessante pensar no apelido delicado que alguns especialistas dão a este fenômeno social. Em lugar de falar secamente em *expulsão* das crianças populares, com o que a escola de classe mostra sua eficiência, falam de *evasão escolar*, como se as crianças deixassem a escola ou dela se evadissem, por gosto, por puro capricho ou para dar trabalho aos pesquisadores.

Estou absolutamente convencido de que é impossível discutir seriamente o tema que nos preme de hoje sem enfrentar a questão da escola pública de primeiro e segundo graus, sem sublinhar a necessidade de lutarmos tanto quanto possível no sentido de, primeiro, fazermos uma escola pública menos ruim para, em seguida, criarmos uma escola pública melhor. Por isso é que, para mim, numa política educacional que pretenda uma aproximação maior da Universidade com as áreas populares te-

mos de ter um "capítulo" em torno da melhoria da escola de primeiro e segundo graus. Tudo o que, de um ponto de vista politicamente crítico e cientificamente competente pudermos fazer nesta linha, em Universidades como esta, em que pesem as condições limitadas em que nos encontremos como professores, limitados por salários, por tempo, por cansaço, é importante.

Precisamos aproveitar as administrações mais abertas para avançar na melhoria da escola pública. E aí creio que a Universidade teria muito o que fazer além de seus cursos de graduação e de pós-graduação, em convênios com órgãos de categoria dos professores, ajudando-os a desenvolver um esforço sério, rigoroso, no sentido da formação permanente do professor. Formação permanente que se fundasse sobretudo no exercício a ser proposto aos professores de pensar criticamente a própria prática, a fim de iluminá-la teoricamente. Um tal exercício pode, de um lado, tornar-nos mais competentes do ponto de vista do saber dos conteúdos sendo e também a ser ensinados, de outro, mais competentes quanto aos métodos com os quais tratar os conteúdos. Para mim, este é um dos aspectos centrais de uma reflexão pedagógica. Primeiro, porque só ensinamos se conhecemos o conteúdo a ser ensinado, segundo, porque conhecer o conteúdo que deve ser ensinado implica saber como ensiná-lo.

Na verdade, quando pensamos na prática educativa pensamos no educador, no educando, nos conteúdos, no ato de ensinar, no de aprender, nos objetivos e finalidades da prática, na sua politicidade, nas condições histórico-sociais em que se dá. O que me parece impossível, pensando criticamente a prática educativa, é dicotomizar, separar os termos que a compõem. Não é possível prática educativa sem professor ou sem aluno ou sem

conteúdo a ser ensinado, sem método, como não há prática educativa sem diretividade.

Insisto em que tudo o que pudermos fazer através da Universidade para ajudar as escolas públicas sobretudo de áreas populares a ser mais eficientes tem que ver com a aproximação da Universidade ao povo.

Obviamente, a eficiência da escola pública passa pelo respeito que o poder público deve aos professores e professoras, passa por melhores salários, passa pela formação permanente dos professores e também por sua opção política e pela coerência entre o que fazem e o que verbalizam. Passa pela reorientação do tempo curricular para que as crianças disponham cada vez mais de maior tempo útil dedicado a conhecer.

Agora, um segundo momento da reflexão desta manhã. Me lembro de que, em março passado, fiz uns comentários aqui que gostaria de repetir, trazendo, desta vez, a reflexão para o interior da Universidade e tendo em vista seu compromisso com o povo.

Não tenho dúvida nenhuma de que quando pensamos em termos críticos, em Universidade e povo, de modo algum estamos admitindo que a Universidade deva fechar as portas a qualquer preocupação rigorosa que deva ter com relação à pesquisa e à docência. Não faz parte da natureza de sua relação ou de seu compromisso com as classes populares a sua falta de rigor, sua incompetência. Pelo contrário, a Universidade que não luta por mais rigorosidade, por mais seriedade no âmbito da pesquisa como no da docência sempre indicotomizáveis, esta sim, não pode se aproximar seriamente das classes populares, comprometer-se com elas.

A Universidade, no fundo, tem de girar em torno de duas preocupações fundamentais, de que

se derivam outras, e que têm que ver com o "ciclo do conhecimento". Este, por sua vez, tem apenas dois momentos que se relacionam permanentemente: um é o momento em que conhecemos o conhecimento existente, produzido; o outro, o em que produzimos o novo conhecimento. Ainda que insista na impossibilidade de separarmos mecanicamente um momento do outro, ainda que enfatize que são momentos de um mesmo ciclo, me parece importante salientar que o momento em que conhecemos o conhecimento existente é preponderantemente o da docência, o de ensinar e aprender e o outro, o da produção do novo conhecimento é preponderantemente o da pesquisa. Na verdade, porém, toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade assim como não há pesquisa em cujo andamento necessariamente não se aprenda porque se conhece.

O que me parece trágico é que quase sempre nossas Universidades não podem dedicar-se à pesquisa enquanto produção de conhecimento, ora por falta de verbas a que se junta falta de quadros competentes, ora por ambas as razões e não se afirmam também como centros em que o conhecimento do conhecimento existente - quer dizer, o ato de ensinar - se dê de forma rigorosa e séria. Só assim seria possível, inclusive, formar pessoal que se viesse a engajar depois em pesquisas de alto nível. O papel da Universidade, seja ela progressista ou conservadora, é viver, com seriedade, os momentos deste ciclo. É ensinar, é formar, é pesquisar. O que distingue uma Universidade conservadora de outra, progressista, jamais pode ser o fato de que uma ensina e pesquisa e a outra nada faz. Por isso é que, ao longo desta conversa tenho enfatizado tanto a impossibilidade de, em nome da democratização da Universidade, fazê-la pou-

co seria com relação a qualquer dos momentos do ciclo gnosiológico. Nenhuma educadora ou educador progressista pode jamais reduzir a democratização da Universidade a um tratamento simplista do saber. Não é isto o que se pretende. O que se quer é diminuir a distância entre a Universidade ou o que se faz nela e as classes populares, mas sem a perda da seriedade e do rigor. Sem negligenciar diante do dever de ensinar. Numa perspectiva progressista ensinar não é a simples transmissão do conhecimento em torno do objeto ou do conteúdo. Transmissão que se faz muito mais através da descrição do conceito do objeto a ser mecanicamente memorizada pelos alunos. Ensinar ainda do ponto de vista progressista, não pode reduzir-se a um puro ensinar os alunos a aprender através de uma operação em que o objeto do conhecimento fosse o ato mesmo de aprender. Ensinar a aprender só é válido, deste ponto de vista, quando os educandos aprendem a aprender ao apreender a razão de ser do objeto ou do conteúdo. É ensinando biologia ou outra disciplina qualquer que o professor ensina os alunos a aprender.

Do ponto de vista progressista, ensinar implica, pois, que os educandos, em certo sentido, "penetrando" o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo sendo ensinado. O ato de ensinar, de responsabilidade indiscutível do professor, vai desdobrando-se, da parte dos educandos, no ato de estes conhecerem o ensinado.

O professor, por sua vez, só ensina em termos verdadeiros, na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o apreende. Neste caso, ao ensinar, o professor re-conhece o objeto conhecido. Em outras palavras, re-faz sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos. Ensinar é, a

sim, a forma que toma o ato de conhecimento que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico. A curiosidade do professor e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender.

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual a vir sendo forjada desde a pré-escola. Pretender a inserção crítica dos educandos na situação educativa enquanto situação de conhecimento sem esta disciplina é espera vã. Mas, assim como não é possível ensinar a aprender sem ensinar um certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender, não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se tornando sujeitos cada vez mais críticos.

Na constituição desta necessária disciplina não há lugar, na perspectiva progressista que defendo, nem para a identificação do ato de estudar, de aprender, de conhecer com um puro entretenimento, uma espécie de brinquedo com regras frouxas ou sem elas, nem tampouco com um quefazer inosso, desgostoso, enfadonho. O ato de estudar, de aprender, de conhecer, é difícil, sobretudo exigente. É preciso, porém, que os educandos descubram e sintam a alegria nele embutida, que dele faz parte e sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem.

O papel testemunhal do professor na gestão desta disciplina é enorme. Mais uma vez, aí, a sua autoridade, de que sua competência faz parte, joga uma importante função. Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe,

que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor.

Mas, por outro lado, esta disciplina não pode resultar de um trabalho feito nos alunos pelo professor. Requerendo embora a presença marcante do professor, sua orientação, seu estímulo, sua autoridade, esta disciplina tem de ser construída e assumida pelos alunos.

Estas reflexões sobre o ato de ensinar e de aprender, o ato de ensinar o conhecimento já produzido que deve implicar da parte do aluno o ato de conhecer o ensinado não devem ser entendidas como reflexões feitas em torno apenas do quefazer de um professor isolado. A Universidade deve compreender-se como o espaço que só se justifica se este ato se realiza seriamente.

Creio que não seria demasiado, em me tendo referido aos dois momentos do ciclo de conhecimento e à responsabilidade que deve ter a Universidade em face deles, tecer umas últimas considerações em torno da Universidade progressista e povo, tendo em vista o mesmo ciclo de conhecimento.

Começaria dizendo que, deste ponto de vista, as classes populares têm dois direitos básicos: o direito de conhecer melhor o que já sabem, em razão de sua própria prática e o direito de participar, de algum modo, do processo de produção do conhecimento novo.

O direito de conhecer melhor o que já sabem tem que ver com a escola pública mais competente, mais eficiente, quer dizer, tem que ver com uma séria educação popular pondo-se em prática, ao nível das crianças e dos adultos. Tem que ver com campanhas corretas de alfabetização de adultos,

que não fiquem girando em torno dos ba-be-bi-bo-bu. Conhecer melhor implica, na verdade, que as classes populares vão ultrapassando o saber apenas de "experiência feito", ultrapassando o saber ao nível do senso comum. Professores e estudantes de uma Universidade progressista têm aí um campo enorme de trabalho em que as atividades a realizar-se em nada sacrificam a rigorosidade acadêmica, pelo contrário, ampliam os horizontes de quem nelas se envolve.

Creio que podemos ter como obviamente reconhecido por nós todos nesta sala, que o fato mesmo de ser progressista não permitiria que uma Universidade chegasse, de repente, com armas e bagagens a áreas populares anunciando cursos disto ou daquilo através de cujos conteúdos os grupos populares iriam saber melhor o que já sabem. Progressivamente, pelo contrário, uma Universidade progressista teria que ir se aproximando das áreas populares, sobretudo por meio dos movimentos sociais, dos clubes de mães, das associações de bairro, etc, como dos diferentes programas já em funcionamento na área. Podemos imaginar um sem número de temas que poderiam ser tratados em função da ansiedade, da inquietação e da necessidade das populações, de maneira simples e nunca simplista. Tratamento temático que poderia ajudar esses grupos a ir superando o "saber de experiência feito", mas, a partir dele.

É interessante observar a iniciativa de que falei no começo, a da liderança sindical que está fundando um Instituto de formação, uma espécie de semente do que poderá vir a ser amanhã uma Universidade popular. Esta liderança percebeu, na sua prática sindical, também política, que o desenvolvimento e a eficácia de sua luta a partir de um certo momento, começava a exigir dela uma compreensão mais cientificamente rigorosa da própria lu-

ta como do contexto social, histórico e econômico e político em que ela se dá. É que a prática, embora fundamental e indispensável, não é, contudo, sua própria teoria. A perseguição da "razão de ser" dos fatos é o esforço de compreensão rigorosa, teórica, dos fatos. É a "razão de ser" dos fatos que nos leva mais além dos puros "penso que é".

Na prática, também, a liderança em apreço aprendeu, permitam-me a repetição, que a formação de seus quadros enquanto quadros das classes dominadas não podia ser feita pelas classes dominantes. Percebeu igualmente a importância que intelectuais acadêmicos, que não sejam, de um lado, espontaneístas, de outro, autoritários e reacionariamente elitistas, podem ter na ajuda à classe trabalhadora para que esta saiba melhor o que já sabe.

Na análise de uma sociedade burguesa como a nossa, não há porque trabalharmos com a categoria de culpa. Objetivamente, numa sociedade assim, nem são culpadas as classes populares por não terem acesso ao saber acadêmico, nem culpados são, por seu saber, os intelectuais que, apesar de sua posição de classe, aderiram às classes populares. A questão fundamental para mim é saber, de um lado, se os intelectuais que aderem às classes populares são coerentes com o seu discurso, na prática, de outro, se as lideranças populares são capazes também de recusar a si mesmas o desvio ideológico que chamaria aqui de "sindicalismo" com aspas, que significa uma abertura semi-fechada dos líderes operários em face dos intelectuais. Nem o autoritarismo elitista dos intelectuais acadêmicos, "donos" da verdade, nem o não menos autoritarismo obreiro de líderes sindicais.

Como acadêmico, jamais academicista, me dirijo a nós mesmos que nesta sala estamos, agora.

É preciso que mulheres e homens de esquerda neste país renunciemos a um certo vanguardismo, no fundo, reacionário, a uma certa febre de quem se sente proprietário da verdade da classe trabalhadora, da verdade da revolução, e por isso mesmo, fala desta verdade aos "incultos" domesticados pela ideologia burguesa. Estou convencido de que um pouco de humildade nos faria bem a todos.

Mas, agora, no término de uma fala já prolongada poderíamos repetir uma pergunta à qual se têm dado diferentes respostas. É possível fazer um pouco pelo menos, do que se disse até agora, a través da Universidade, numa sociedade hierarquizada como a nossa? Será que, na verdade como educadoras e educadores não temos nada a fazer antes que a sociedade seja radicalmente transformada? Ou não será que, fazendo um certo possível e lutando para viabilizar alguns possíveis apontados como impossíveis, não estaremos transformando já um pouco? Sem cair em nenhuma espécie de candura romântica estou certo de que não apenas temos o que fazer, mas também de que é preciso fazer agora o que temos de fazer para que a transformação maior se possa dar.

Repito, neste momento, mais ou menos o que disse em março passado: quando, na casa do professor Takito, em fins de 1985, fui convidado pelo Reitor Coelho e o Vice Reitor Paulo de Tarso a dar o mínimo de contribuição que venho dando a esta Universidade, aceitei porque sabia que nesta Casa ninguém pensava estar salvando o Brasil com o esforço que fazia, mas todos que faziam algo sabiam da importância do seu que fazer.

SABER E PODER

Adriano Nogueira

Professor do Instituto Superior de Ciências Aplicadas - Limeira

Eu queria trazer algumas questões que sintetizassem e que fossem contribuição para a gente conversar agora e à tarde. Foram questões já teorizadas por Paulo Freire. Então a idéia, agora, é investigar ao nível da nossa experiência cotidiana. Eu acho que tem certamente muita gente aqui comprometida ou com igreja, ou com comunidade de base, ou com favela, ou com escola... e é desse nível que a gente vai ver emergir questões para colocar ali no quadro e preparar a nossa tarde.

Eu começo querendo relacionar *saber e poder*, portanto conhecimento e política. Vou enumerar alguns exemplos em torno a isso.

Campinas já está organizada, já tem uma história de organização. No entanto o que a gente vai procurar saber não é a Campinas "pronta". A gente está sabendo que pode transformar Campinas, a nossa cidade... Muitas vezes eu vou me referir a uma experiência particular, a uma favela, a da Vila Nogueira.

Por exemplo, eu cheguei na favela vestido de algumas "casacas", por exemplo, era o que vinha da UNICAMP, e alguns deles me chamavam ironicamente de "doutor". Vinha com o estímulo e o apoio de uma Secretaria de Promoção Social Municipal. Então é mais uma hierarquia, é mais uma "casaca". E eu notava que muitas pessoas me davam a palavra e havia nisso uma afirmação do poder que eu represento, porque eu estou vestido. Ironia, a té no sentido socrático da palavra; ironia que esconde a dúvida.

Noto muitas vezes que numa reunião de favela eles passam a palavra para o "doutor", e nisso está ao mesmo tempo uma confirmação e um teste: "Vamos ver se é doutor mesmo". Então, eu chamo atenção sobre isso porque hoje, dois anos depois, a gente está num nível não formal, ou seja, a gente está num nível de familiaridade. Aquilo que acontecia significava uma coisa assim: *esconderam a história deles para me chamar de doutor e contaram a história dessa sociedade ao me dar a palavra*. Esconder essa história deles é essa ironia; ironicamente o favelado supõe que quem tem faculdade tem mais, e depois confere o cara: "Vamos ver se ele sabe mesmo".

Agora a gente está tendo uma experiência de um arquiteto que está construindo e os caras continuam afirmando que o arquiteto sabe, porque tem diploma e têm a ciência de construir, mas vamos ver se ele sabe mesmo, porque muitos lá são pedreiros... Então a história é negada e afirmada simultaneamente. Aí a tal gnosiologia de que Paulo Freire falava...

O nível imediato disso é que eu tenho que ter uma competência técnica, pedagógica para "desesconder" essa história; tenho que ser educador. Paulo Freire estava comigo; Débora, Rosê, Marcelo estavam comigo para "desesconder" uma história, ou seja, afirmar a ironia. E "desesconder" a história significa também: "Quem é o meu interlocutor na favela? Quem é que fala com a gente? A Maria desafiava a gente nesse seminário, no seguinte: A gente fala muito em ir à comunidade, à favela, mas com quem estou conversando quando chego lá?"

Deixe-me dar um exemplo muito perto pra nós aqui. Campinas está hoje com 8 dias de uma greve de motoristas. Nesses 8 dias eu tentei acompanhar pelo Jornal Regional da Globo, porque me toca de perto e eu preciso saber, até para tocar o dia

seguinte. Eu ia acompanhar na casa da minha vizinha, porque a gente está sem televisão. É uma casa típica da classe média. A vizinha começou, no início da greve, dizendo assim: "Eu acho, é bom mesmo, porque eles trabalham muitas horas e ganham pouco". E aí todo mundo começou a perguntar o salário da cobradora; uma verdadeira pesquisa. Ganha 1.200 e trabalha 14 horas por dia, a cobradora mulher, o motorista eu não sei. E a greve parecia ter fundamento.

Só para enfatizar a *questão do interlocutor*: a gente foi vendo os 4 dias seguintes: falou o Prefeito, o Secretário dos Transportes, no segundo ou terceiro dia de greve para explicar o esquema alternativo; lá pelo terceiro ou quarto dia falou uma autoridade militar que eu não sei se foi de Campinas ou de São Paulo, para dizer que o carro acompanhava o ônibus; mas no último dia que eu vi, a vizinha finalmente perguntou: "Mas cadê alguém do sindicato?" Sabe, é a questão sobre o *outro* de quem se fala. Muitas vezes no Jornal Regional dizia: amanhã, às 16 horas eles terão uma assembléia; ontem às 14 horas eles tiveram uma assembléia e promulgaram uma carta; mas cadê a carta? Cadê o cara? A pergunta é a seguinte: que razões ele anuncia, quais são as razões do cara em nome de quem se fala? Esse é um problema que eu queria trazer para nossa discussão. Que tipo de interlocutor é esse que está na minha frente? Eu estou falando de um homem da favela aqui. Cadê meu interlocutor? Quem é ele?

Essa questão é central. Eu espero que a Globo dê voz ao cara do sindicato, nem para dar a razão, nem para tirar a razão; mas ele não faz parte do mapa. É o que o Paulo Freire dizia; o cara diz que tem pesadelos e a gente não entende.

Alguns desafios eu queria analisar para a gente ter essa situação na mão. O primeiro desa-

se assim:

"— Mas isso é mania de educador que tem antes uma abstração, depois a prática que cai vala a dentro, feito um caixote".

Feito encaixotado, o tal do envelopamento que Paulo dizia aí...

Então, o encontro que a gente vai tendo é o seguinte... cultura é, antes, um entendimento que uma erudição; cultura é, antes, o uso que o cotidiano põe à prova, do que uma verificabilidade que precisa ser testada no exame de fim de ano, onde o cara é aprovado ou não.

Política é aquela disposição de discutir a cidade, de agrupar-se para ter momentos de expressão. Há mil movimentos aí acontecendo. Tem gente aqui engajada em muitos movimentos que expressam uma nova organização. A herança nossa de partido político é francesa, a gente tem democracia cristã, PDS, PC do B que são organizações partidárias que já eram velhas quando Lênin escrevia. Será que só isso é política?

Lembro-me do Governo Geisel que dizia claramente ao movimento estudantil: "Quer fazer política? Saia do movimento estudantil e meta-se ou no MDB ou na ARENA", que é o que tinha na época. Hoje a realidade está mostrando que tem mais política do que os partidos políticos podem conter... É preciso descobrir outros canais da política com o entendimento do real, da realidade que está aí.

Só para finalizar, uma última questão: o que é abstração? A tradição filosófica nossa dizia o seguinte: É necessário que eu me distancie do objeto para objetivá-lo, então esse objeto é capturado ao interior do conceito e eu conceitualmente falo dele; então conceito é aquele que mesmo longe do objeto eu posso citá-lo, porque ele

cabe no discurso, é o poder do discurso, poder da erudição.

Isso precisa ser revisitado no seguinte sentido: a falência da tecnologia para nós (lembro do menino da favela) está em oposição franca com a inteligência. Se já houve um momento na história do Ocidente em que a inteligência e a tecnologia andaram juntas, hoje, para quem é do terceiro mundo, inteligência às vezes vai para um lado e tecnologia vai para outro lado. A tecnologia monta Angra dos Reis que não é o projeto mais inteligente nesse momento. Progresso e inteligência humana não são sinônimos; progresso e qualidade da vida... se não são sinônimos, para onde vai indo um e para onde vai indo outro?

Pra retomar a idéia do grau de eficiência, como é que a gente se distancia da realidade para conhecê-la, como é que eu distancio do favelado para permitir que ele seja meu interlocutor?

Deixe-me dar outro exemplo: Uma médica ou uma enfermeira que vão lá na favela e estão dando programas de instrução e saúde. Estava lá a discussão sobre o hipertenso arterial: quem sofre de hipertensão e toma o bendito Aldomet, Higroton, esses remédios que controlam a pressão. A enfermeira estava com a seguinte dificuldade: o favelado entende muito bem, se eu der chá de folha de chuchu, chá de outra folha qualquer que controla a pressão; agora ele entende menos, embora use, o Aldomet e o Higroton... Como é que se explica o diabo do Aldomet em termos químicos... se a química fez de princípios ativos, a tal da racionalidade conceitual que dizia há pouco, de um princípio químico que já foi experiência lá atrás, quando alguém descobriu isso no século passado, e desse princípio químico atua no organismo humano (tal qual a folha de chuchu) controlando a pressão, como é que eu hoje refaço esse caminho? Como é que

eu, sem tirar o Higroton, não desprezo a folha de chuchu? Tem uma linha epistemológica aí e a gente concluiu isso: a verdade da realidade hoje, antes de ser erudição, antes de ser objeto do conhecimento, antes de ser objeto, antes de virar livro, ela é relacional, ela implica relações que remetem o momento, remetem as dificuldades do aqui e agora e depois ela se torna livro. Antes de tecnizar, há trabalhos para a inteligência percorrer.

Último exemplo que eu achei muito interessante. Foi uma jornalista e fez uma matéria sobre a favela. Depois a gente chamou a jornalista de novo para discutir a matéria, não para ver se ela estava certa ou errada, mas para explicar porque, para esse povo, ela disse "populares", e quando a parece um técnico ela chama de "Adriano". Porque ele tem direito a um nome e outros não? Como se lê no jornal é "povo", é "canavieiros", é "populares". Tudo é uma questão de interlocutor, interlocução que some no interior de uma relação. Em nome da erudição que eu tenho que ele não tem? Fechando o ciclo: é saber como poder, é ter claro que com esse "saber" poder eu tenho.

Alguma coisa que não ficou claro suficiente pode ser vista com outros interlocutores que também estão aqui: o Marcelo que ensina Matemática na Vila Nogueira e é professor em Rio Claro; a Rosé que é professora dessa casa e trabalha com Terapia Ocupacional. Eles são interlocutores também desse processo, e a gente tem a tarde pela frente para nos desafiarmos e construirmos mais coisas.

MUNDO UNIVERSITÁRIO - MUNDO POPULAR

Débora Mazza

Professora da UNIMEP - Piracicaba

Estou muito contente de estar olhando e vendo as pessoas com as quais me relaciono no dia-a-dia. Estou vendo pessoas que encontro nos corredores da Secretaria de Promoção: Dr. Darci, Carminha; pessoas que trabalham na favela: Marcelo; pessoas da UNIMEP. Parte da gente vai ficando nos lugares pelos quais passamos e eu sei que tem muita gente aqui que semeia coisas boas através do seu trabalho. Fico feliz com vocês.

Eu vou falar um pouquinho só sobre algumas idéias que talvez ajudem na troca de experiências.

A troca de experiências vai acontecer em outro momento, visto que a hora está avançada.

Uma primeira preocupação que orientou minha reflexão para a manhã de hoje foi o nome do encontro: "UNIVERSIDADE E COMPROMISSO POPULAR". No primeiro momento achei uma proposta ambiciosa, um título muito sugestivo que tentava unificar, através da palavra compromisso (sempre o poder da palavra) dois mundos com códigos, representações e instrumentais muito diferentes: o mundo universitário e o mundo popular. Isso me pareceu, numa primeira impressão, dificultoso, levando em consideração que a palavra compromisso é usada para caracterizar relações fundamentadas em possíveis identificações. Caracteriza uma igualdade, uma irmandade, uma aliança, um caminho comum. Pareceu-me difícil vislumbrar campo de encontro entre esses dois mundos: a Universidade e o Popular. Comecei a pensar um pouco o que é Universidade, o que ela vem sendo e o que é o Popular, o que ele vem representando para nós, para, a partir, daí, imaginar a

possibilidade do compromisso...

O que é a Universidade?

Essa senhora vestida com véus, essa senhora bonita, essa senhora burguesa. Quais são seus costumes, seus instrumentais, quais são seus alcan-
ces, seus limites?...

Recorrer à instituição universitária implica trazer à luz um mundo com significado social definido, com uma importância, com um compromisso. Um mundo que se diz portador de um saber mais sistemático, de um saber mais organizado, metódico. É o mundo do conhecimento científico.

Como é que se dá a produção do conhecimento dentro da instituição universitária? Quais são seus instrumentais?

A história tem nos contado que o instrumental usado na Universidade é o instrumental pertencente a uma racionalidade específica, a "rácio" burguesa que incorpora 1. a noção de tempo linear, onde é possível determinar um presente, um passado e prever futuros. É permitido, através dessa possibilidade determinística 2. um estudo laboratorial das teses de mestrado, de doutorado, dos teoremas. O instrumental da racionalidade acadêmica universitária facilita o acúmulo de conhecimento, a sistematização dos acontecimentos livremente produzidos. É um conteúdo histórico que vai sendo tecido por uma memória selecionadora: preservando algumas histórias, apagando outras, de tonando os comportamentos, perfilando os corpos. O espaço da prática social universitária vai sendo construído ideologicamente, vão sendo montadas idéias, teoremas, raciocínios que vão permitindo a clarividência científica, essa possibilidade de prever, de determinar a realidade e organizá-la através de fatos, de períodos, de estruturas, de movimentos hermeticamente fundamentados. Vamos cha-

mar a curiosidade de conhecimento científico de uma curiosidade convencida, porque orientada por um ideário.

Então, parece que a proposta de leitura de mundo trazida pelo instrumental da Universidade é a proposta do mundo das explicações, das soluções, da tentativa da realidade sem mistérios.

E o Popular?

Vamos pensar no outro lado do nosso tema de reflexão para a manhã "Universidade e Compromisso Popular"! O que está sendo popular? O que sentimos e o que conseguimos perceber do mundo popular?

Adentrar no mundo popular, a minha experiência me diz que é adentrar no mundo da fadiga, da fome, da cansaça, do desgaste físico. Na raiz da compreensão do popular, está a luta pela sobrevivência, a necessidade da existência.

E os recursos que essa expressão popular encontra para estar se atualizando, para estar se instrumentalizando na rotina do cotidiano são os recursos da rotina cansativa e enfadonha do trabalho, do mundo da luta, do mundo da carência. Me parece que a carência tão presente nesse mundo Latino Americano é a orientadora da curiosidade do conhecimento popular. As carências orientam as curiosidades do conhecimento, e os desafios que a vida popular encontra, enquanto ser vivente, vão solicitando do humano conhecimentos superadores. E quais são os desafios geradores do conhecimento?

A construção do barraco depois que a chuva forte passou, a educação dos filhos (que são muitos), o esforço da cozinheira da casa em fazer a comida dar até o final do mês, porque na metade do mês a dispensa acaba. "Como é que a gente aguenta viver um mês, sendo que uma semana depois de ter recebido o salário o dinheiro já acabou?"

São esses desafios, que o cotidiano da carência vai colocando, que são os detonadores do conhecimento popular. O conhecimento está no trabalho é gerador de conhecimento e os matizes do cotidiano popular consentem um tempo muito diferente daquele tempo linear, laboratorialmente estudado pelo conhecimento científico. É um tempo da repetição constante da manhã, que todo dia chega, do trabalho, que é a cada dia o mesmo, é o tempo do amanhã incerto. E a experiência jaz na experiência que é religiosamente repetida, renovada, apresentada pela destreza, pela habilidade.

E a carência vai sendo desafio social que vai apreendendo no corpo popular o conhecimento, o processo de aprendizado. E acostumar-se a essas situações de luta de cotidiano é que caracteriza a maneira de pensar, a maneira de produzir o conhecimento popular. Eu estou chamando essa curiosidade do conhecimento popular de curiosidade convertida, diferente da curiosidade convencida. Convertida por quê? Porque é uma curiosidade que se converte na circunstância cotidiana.

Se a gente pudesse resumir para fazer um paralelo em cima da palavra compromisso, se, por um lado, o mundo da Universidade é o mundo da realidade sem mistérios, o mundo do popular é o mundo do mistério da realidade, dos acasos dos imprevistos.

Como é que podemos propor uma reflexão que comprometa esses dois mundos? Como pensar na Universidade e no seu compromisso com o popular?

No meu entender existem dois caminhos possíveis para o compromisso, 1. um é o caminho da Universidade se comprometendo através de pessoas, de indivíduos, de grupos, de setores, de segmentos a ela ligados que desenvolvem projetos populares, que desenvolvem propostas de engajamento con-

creto, proposta de humanização do mundo, utilizando-se dos recursos mesmos do instrumental acadêmico. Esse parece que é um caminho que tem sido desbravado por muitas pessoas ligadas à Universidade, e muita gente tem semeado muita coisa bonita por esse viés do compromisso universitário.

A pergunta que eu deixo é: Vamos conversar sobre as propostas que têm emergido no cotidiano e que solicitam esse tipo de compromisso da Universidade com o Popular?

2. Existe um outro compromisso que é o compromisso que eu chamo de mais institucionalizado, mais burocraticamente legalizado. É o compromisso da Universidade, enquanto instituição definindo caminhos de encontros, propostas de modificação da realidade, propostas de atuação no concreto. Esse é um caminho mais difícil, em virtude mesmo dos diferentes mundos, das diferentes leituras da realidade, das diferentes preocupações existentes no mundo universitário e no mundo popular. Nessa possibilidade de compromisso eu gostaria que estivessem pensando que tipos de propostas são possíveis, que projetos já existem, que trabalhos são viáveis?

Vamos nos reportar às nossas práticas, são tantas Vilas Nogueiras, são tantos os projetos de engajamento com a realidade, ... eu gostaria de ouví-los contar.

SÍNTESE DAS QUESTÕES APRESENTADAS (1^a fase)

Delduque Oliveira Martins

*Acadêmico de Engenharia Sanitária e Monitor do Es
critório Técnico de Apoio à Comunidade - PUCCAMP*

Nós estamos com oportunidade de trabalhar nas comunidades, mas a gente está se sentindo "barrado" no relacionamento humano. Temos muita técnica, vontade de querer erguer a parte de educação sanitária e ambiental, mas falta ainda uma sociologia de relacionamento. Então, não é que esse trabalho esteja sendo em vão, mas falta ainda *preparação da comunidade para aceitar essa parte técnica e também aproveitá-la logo que se implanta*. Nós estamos aqui para realmente encontrar um caminho, unindo-nos com grupos da própria Universidade, ou outros, para que esse trabalho possa realmente ser usado em termos de comunidade.

Matilde Andery Burlamarqui da Silva

Diretora da Faculdade de Serviço Social - PUCCAMP

Temos desenvolvido vários projetos em comunidades, tivemos oportunidades de desenvolver trabalhos com outras unidades e a dificuldade que a gente tem encontrado nesse trabalho é justamente *da preparação dos alunos dos cursos no relacionamento com a população*. Eu acredito que poderia ser desenvolvida uma discussão de como a Universidade pode encaminhar na preparação desses alunos de cursos tais como engenharia e outros num trabalho comunitário.

Essa questão já têm sido levantada pela Faculdade há uns quatro ou cinco anos atrás. Temos dificuldade de relacionamento dos nossos alunos, inclusive com alunos de outros cursos no relacio-

namento com a comunidade. Portanto, acho que seria um ponto significativo para discussão neste seminário.

Araken Martinho

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - PUCAMP

Um receio que eu tenho é que, com essa ansiedade toda da gente se envolver, não ver que as dificuldades são grandes. Tenho um pouquinho de experiência, pouca, mas... vejo grandes dificuldades até para fazer um diálogo, por exemplo, com quem pensa em sobrevivência ao dia, nós outros que pensamos no máximo pagar por mês as contas. Como é que a gente vai se articular com esse tipo de gente?

Outro receio muito grande que eu tenho é sobre o papel de *cooptação* que o Estado pode fazer desse processo, ou o papel de *cooptação* que até a própria Universidade pode fazer com esse conhecimento acabado que ela pode levar até a periferia.

Maria Cristina Boog

Professora do Curso de Nutrição - PUCAMP

Nós temos um trabalho há um ano no Bairro Flamboyant e eu gostaria de abordar dois pontos aqui:

Primeiro é que nós atuamos sozinhos lá, e sentimos que chegam a nós problemas de várias naturezas que nós não podemos entender. Então a questão é essa, nós estamos atuando sozinhos. O ideal seria termos uma *equipe multiprofissional*, mas entre o ideal e a realidade tal como está, fazemos o que é possível.

O segundo ponto que eu gostaria de colocar

vem muito de encontro com o que a professora de Serviço Social colocou. Os alunos sentem uma *dificuldade* muito grande de se aproximar da população e quando eles descobrem como se comunicar, o estágio está terminando. Então a gente precisaria encontrar um meio de prepará-los para começar de forma que esse início não fosse tão difícil.

Darcy Paz de Pádua

Secretário de Promoção Social da Prefeitura Municipal de Campinas

Esta é uma oportunidade muito boa, porque em verdade a presença de Paulo Freire aqui já significa a presença da Universidade com o povo, e esta preocupação da Universidade de assumir essa tarefa de levar e trazer, de aumentar o conhecimento, de levar em sua atuação junto com o povo.

Eu acho que é importante se partir de uma *preparação* de quem quer ir e de quem vai. Porque há ao mesmo tempo nesses segmentos populares, principalmente em favelas, há presença de diversos segmentos que às vezes pode assustar a pessoa que está sendo convidada ao trabalho conjunto.

O que a Prefeitura está fazendo, o Enildo na área da Educação, nós na área de Promoção Social, é um trabalho integrado que nos tem trazido já uma experiência benéfica. Na área da saúde, por exemplo, nós estamos na periferia num trabalho conjugado, e a preocupação que eu tenho é que não haja uma concatenação nisso, que haja vários segmentos trabalhando ao mesmo tempo e não estejam integrados.

Só me preocupa isso, utilizar os recursos todos da comunidade num trabalho comum. Se a intenção é a mesma eu acho que nós temos que evitar

ao máximo as diferenças, os riscos.

Minha preocupação é essa, *como promover a integração*; como promover o melhor aproveitamento dos recursos todos que a comunidade oferece para um trabalho conjunto, desde que os propósitos são os mesmos.

Wanda Conti

Assessora da Pastoral Universitária - PUCCAMP

Eu ouvi duas pessoas colocarem a dificuldade do estudante se aproximar do povo, portanto, queria colocar que nós estamos vivendo um momento difícil na nossa sociedade, em Campinas, com a questão da greve de ônibus, por exemplo.

Como o professor e o estudante trabalham este fato? Não é a questão só de não ter condução, não ter aula. Por que o compromisso popular é mais do que os trabalhos organizados em favor da população. Existe um fato popular acontecendo, como isso é vivenciado, e como isso é colocado no ensino, enfim?

Reginaldo de Souza Silva

Professor de Educação Física no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e Membro da Pastoral do Menor

A gente tem uma preocupação muito grande no Liceu de fazer alguns trabalhos com comunidades, algumas delas próximos à Vila Nogueira e também com os meninos de rua. Então, temos tido algumas preocupações em relação à Universidade.

1º. Qual é a formação que a Universidade realmente está dando aos alunos? Eu penso que o universitário vai indo com a bagagem, com uma cultura, com um linguajar totalmente diferente daquele que está lá na favela ou no bairro de periferia.

E até que ponto esse estudante vai para a favela ou a comunidade e usa a comunidade? Até que ponto a pessoa da comunidade está fazendo uma troca? Quero dizer, eu fui lá, dei meu conteúdo, o que a favela me deu, o que o pessoal recebeu?

2º. Quando se fala em entidades integradas num trabalho comunitário, até que ponto trabalho de integração não é no sentido de *usar a comunidade*? Estou usando a comunidade, usando o povo, ao invés de estar formando um aluno, formando um professor. Na realidade o professor é totalmente diferente daquele que está na favela, o aluno também é. Eu não posso dizer: "eu sou como um favelado", mentira, eu tenho comida, barraco, cama, meu pai não me estrupa, minha mãe não me bate, coisas que acontecem na favela.

E quando o aluno enfrenta essa situação ele realmente vai embora, porque a Universidade não o preparou, a entidade não agiu no sentido de preparar, mas no sentido de usar o aluno. Porque às vezes o estagiário acaba sendo um mão de obra barata e não um aprendiz. A Universidade também não assume o trabalho. Se deu certo aquele setor lá no Serviço Social, por exemplo, então foi a Universidade que fez, mas se deu errado, foi a Faculdade de Serviço Social que fez uma experiência paralela, foi a Nutrição que não deu certo, a nutricionista, coitadinha, não conhecia a realidade da favela, quer dizer, a Universidade como tal que não assume isso.

Passando para o trabalho das Secretarias Municipais quero questionar até que ponto realmente é preciso fazer uma opção, que lado eu estou, estou do lado do povo, eu estou do lado do sistema?

Penso que quando se fala em termos de formação, uma Universidade voltada para as camadas po-

pulares, que opção fez a Universidade? A Universidade que deu prioridade para os pobres ou foi a Igreja que deu e como a Igreja se relaciona com a Universidade... Mas até que ponto as cabeças da Universidade realmente se voltaram para o pobre?

Supondo uma Universidade voltada para os pobres, pergunto: em que sentido? Assistencial, paliativo, dou para o pobre porque ele está precisando, mas fico sempre revitalizando o sistema. Quero dizer, forma um grupinho e sempre vai mantendo o povo lá embaixo sendo pobre.

Vamos ter que fazer uma Universidade que trabalhe com as causas e não com as consequências.

Na prática a gente batalha para conseguir um estagiário da PUCC, de Serviço Social, de Saúde, de Educação Física, por exemplo, e vai falar lá com o professor: "Mas não, filho, isso não tem valor nenhum em termos de conteúdo, o aluno vai perder tempo, voce não pode assinar estágio para ele!" E depois se o aluno resolve ir, ele não tem dinheiro para a condução, etc. Quando vai a um estágio "oficial" o que é que ele vai fazer lá? Se vai, enrola o tempo dele, assina uma carga de estágio, mas não aprendeu nada, não deixa nada e aí a favela fica revoltada. Eu já morei em favela, fiz uma experiência próxima para sentir o que é realmente favelado, então, gostaria de deixar essa opinião, não digo que estou falando dos favelados não, mas em nome de uma experiência que a gente teve lá na favela.

Me doeu quando o Adriano estava falando da favela, porque não estou vendo ninguém da favela, a gente fica com receio inclusive, porque é que não tem alguém da favela aqui, pelo menos para ouvir? Não é devido à greve de ônibus, pois eles andam a pé o dia inteiro, eles podem andar de lá até aqui. Ontem eu vi um menino que estava andan-

do da cidade até o Itatinga a pé, porque não pode vir a pé até aqui?

É preciso abrir um pouco a Universidade, para que pelo menos eles venham ouvir, já que eles não podem falar. Como diz o Paulo Freire, que nem sempre a gente pode colocá-los para analisar a economia, se eles não conhecem, mas ouvir eles sabem.

Concluindo, o professor acha que a população de baixa renda pensa assim, mas na verdade não é a população que pensa assim, é ele que pensa assim e então transmite esse linguajar dele para a favela e fala que o povo pensa assim, o povo quer isso, mas na verdade o povo não quer nada disso.

Jonas Beltrão de Oliveira
Acadêmico de Filosofia - PUCCAMP

A minha questão é como vivenciar no ensino os problemas do cotidiano da cidade. Como aglutinar num mesmo espaço de discussão, dentro da própria Universidade, uma troca de experiências vividas? Temos universitários em algumas entidades, em sindicatos, em partidos políticos, em instituições que mexem com a problemática do menor.

Como aglutinar dentro do mesmo espaço de discussão essa troca de experiências vividas por universitários?

Zilda Santesso
Orientadora Educacional da Secretaria de Apoio ao Estudante - UNICAMP

Eu gostaria de perguntar como é que a gente poderia trabalhar principalmente na Universidade, como trabalhar as relações? Porque acho que se na Universidade nós estamos como gatos e ratos, com

o sistema de departamentalização, com grupos bastante fechados, com dificuldades tremendas de trabalharmos numa visão interdisciplinar, então como é que nós chegaremos ao objetivo proposto? A gente tem experiências pequenas, concretas, de uma caminhada, mas a *Universidade*, cada vez mais parece que ela caminha para uma *organização sofisticada*, sem levar em consideração as pessoas nessa organização. Ela cada vez mais está preocupada com os instrumentos, com seus laboratórios, com suas organizações e as pessoas são objetos nessa organização.

Eu insistiria também num outro aspecto que a professora (Maria Cristina) falou sobre chegar a esses grupos mais populares. Acho que também é muito importante a gente fazer a pergunta de *como permanecer*, a nível de *Universidade*, porque *tô do mundo chega*, principalmente no momento político em que vivemos. Agora, me pergunto *como permanecer*, a nível de grupos de inter-relacionamento e a nível de instituição.

Renato Simões

Assessor do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região

Considerando também o outro lado, tem povo chegando à *Universidade*, é sobre isso que eu queria falar. O Paulo Freire colocou que dentro do processo de desenvolvimento das forças produtivas, a própria classe produtora vai colocando demandas para a *Universidade* e para o resto da comunidade.

Aqui em Campinas e na região, nós percebemos que esse processo tem avançado muito nos últimos anos. Temos hoje movimentos populares fortes nas periferias das cidades, nas associações, temos um agente novo, o movimento sindical, que na

nossa região sempre foi um movimento sindical pelego, amordaçado ou uma burocracia sindical que num conchavão com os partidos comunistas controlavam durante muitos anos a luta da classe trabalhadora na região. Essa força nova coloca demandas à *Universidade* e eu mesmo faço parte de um projeto em que foi o próprio sindicato que veio à *Universidade* solicitar determinadas atividades.

Diante deste fato eu queria colocar duas questões. Uma questão diz respeito a *como a Universidade se aparelha para atender às demandas concretas que o movimento popular apresenta*.

O que acontece é que muitas vezes nós conseguimos, até com muito esforço, criar dentro da *Universidade* um movimento de ir à luta concreta, mas nós não conseguimos criar uma dinâmica contrária, que é uma dinâmica de *ter estruturas* um pouco arejadas que permitam reorientar até programas que já existam na *Universidade em cima da demanda concreta*, isso no campo da saúde, da educação. Também já acompanhei dois projetos nesses campos, desta própria *Universidade*, em que a gente sente *isso*.

O segundo ponto diz respeito ao interlocutor. Quando falamos que vamos conversar com a comunidade, *quem é a comunidade*, como nós aferimos por parte da *Universidade*, quem são os interlocutores válidos naquele campo de atuação que a *Universidade* está se metendo?

Rosé Collom Toldrá

Professora do Curso de Terapia Ocupacional
PUCCAMP

Eu gostaria de discutir um pouco como a gente pode conciliar a questão da docência e da assistência.

Por exemplo, no nosso departamento, vários professores tentam conciliar o projeto pedagógico com as aulas práticas que dão, com os estágios que desenvolvem na comunidade. Porém, a gente sofre durante o ano vários problemas, como a *descontinuidade do trabalho durante as férias*. Várias situações que a gente enfrenta e que enfraquecem o trabalho realizado na comunidade e, de certa maneira, desvaloriza a contribuição da Universidade nos trabalhos comunitários. Então, gostaria de discutir um pouco isso, e como no nosso caso somos professores horistas, como é que a gente pode realmente levantar esses problemas e tentar ver uma solução.

Carmem Cecília de Campos Lavras
Professora do Departamento de Medicina Social
FCM/PUCCAMP

Penso que quando a gente está colocando a questão do compromisso popular, a gente está pensando num dos pontos do grande projeto de Universidade. Antes de tentar ver em que momento está se dando esse compromisso popular, ela precisa se pensar enquanto Universidade: que tipo de professor ela tem, que formação e principalmente que tipo de profissional está querendo formar e que tipo de conhecimento está querendo produzir.

Eu acho que compromisso popular vem, nesse sentido, *em que momento da vida universitária se constrói o compromisso com as camadas populares?*

Porque o que a gente está enfatizando aqui é o contato com a periferia, e acho que muita gente levantou alguns pontos de estrangulamento como, por exemplo, duplicar serviços. Duplicando serviços assim entramos numa *simples prestação de serviços*, que nem era objetivo da Universidade, que seria um compromisso da instituição pública, mas

a gente acaba assumindo.

Há outras dificuldades, como a colocação do nosso aluno, que tem uma determinada formação que vem de outra classe social, que tem dificuldades de comunicação e dificuldades de entendimento, tem a dificuldade do professor também de entendimento, de comunicação que pode ser tão grande quanto a do aluno.

Mas para mim tudo isso que foi levantado até agora foi trabalhado em cima de um único ângulo, ou seja, o ângulo do contato com a periferia. Porém, no meu entender, *o compromisso popular não se dá só no contato com a periferia*. Então, a pergunta que eu deixaria para discutir à tarde seria exatamente essa: *em que momento da vida universitária se constrói esse compromisso com as camadas populares?*

José Carlos Ramos de Oliveira
Diretor da Faculdade de Ciências Médicas
PUCCAMP

Eu queria complementar a questão da Carmi- nha no sentido de a Universidade poder contar com a *autonomia universitária, se libertar dos currículos* que são absolutamente *cerceadores* de qualquer tipo de avanço nesse sentido que está sendo debatido aqui.

A própria *estrutura departamental* existente na reforma universitária de tempos atrás e a *estrutura curricular* que obedece à legislação bastante rígida do Conselho de Educação limitam muito. Na medida em que a nossa Universidade possa caminhar, no sentido de se libertar desses *cerceamentos*, poderá formar pessoal voltado para esses objetivos que estão sendo debatidos.

Isalene Tiene

Membro da Comissão Permanente de Comunidades Eclesiais de Base da Arquidiocese de Campinas

Como estamos falando de uma Universidade Católica, de modo geral acho que a Igreja me parece uma instituição muito diferente da instituição universitária.

Qualquer pessoa, mesmo aluno ou professor da PUCCAMP, que participa de uma comunidade, ou paróquia, ou celebração, pode questionar se se sente alguma relação entre as duas instituições. Eu já participo há muito tempo na diocese e a gente nunca fez uma discussão sobre isso. Quer dizer, o que significa para a Igreja de Campinas a Universidade?

Então minha proposta é para que isso fosse pensado e como é que a gente vai estender essa discussão do compromisso popular da Universidade para dentro das próprias CEB's, dentro das próprias paróquias, das comissões que existem na diocese.

Marcelo Borba

Mestrando em Matemática - UNESP/Rio Claro

A questão que eu quero colocar é como a gente vai construir alternativas para essa passagem do conhecimento que nós já temos, e a elaboração do conhecimento novo, ou uma parte dele, para as classes populares. O tema para mim é muito importante, pois meu trabalho é uma proposta de educação matemática que procura ir por esse caminho.

SÍNTESE DAS DISCUSSÕES DOS GRUPOS DE TRABALHO

(2ª fase)

GRUPO 1 (relatora: Wanda Conti)

1. Que houvesse encontros sistemáticos, mais frequentes, amplos ou fechados, mas encontros dos grupos que tenham trabalho de base dentro da PUCC, para que houvesse também intercâmbio de experiências.
2. Que esta discussão de hoje, como outros seminários, pudessem ser reproduzidas através de apostilas, grupos volantes ou por vídeo-cassete, enfim qualquer material que se pudesse reproduzir para que cada um de nós possa levar para outros grupos a discussão realizada.
3. Criação e ampliação de alguns serviços no sentido de que eles sejam interdisciplinares, que não reduzam apenas a um ou dois grupos trabalhando.
4. Que se amplie também um acervo cultural com revistas, artigos, enfim tudo que se possa colaborar para desenvolver esse tipo de trabalho.
5. Que tenham também infra-estrutura em termos de material, o que muitas vezes falta.
6. Que os grupos que trabalham possam passar sua experiência para outros grupos, tanto de alunos como de professores, pois há muita gente ainda envolvida. Portanto, os grupos envolvidos deveriam ter a preocupação de atingir outros grupos.
7. Que o trabalho seja coordenado, onde os diferentes grupos se encontrem e tenham uma li-

nha de sequência.

8. Que a comunidade seja informada através de jornais, televisão, dos meios de comunicação, para que se possa saber que está sendo realizado esse tipo de serviço na PUCCAMP, e que também atraia mais pessoas para colaborar, isto é, que a informação à comunidade sirva também como polo de atração.

GRUPO 2 (relator: Jonas Beltrão de Oliveira)

Os participantes questionaram sobre a atual estrutura da Universidade, as consequências dessa estruturação e pensaram algumas saídas a nível de um trabalho mais organizado.

Constatando a realidade, o grupo sugere que:

1. Haja a transformação do projeto pedagógico da Universidade.
2. Repensem a contratação do professor e o número de alunos numa sala de aula.
3. Pensem a quem essa atual estrutura universitária está servindo.

Levantaram como questionamentos:

1. Como desenvolver, a nível de instituição, uma participação da Universidade no meio popular proporcionando formação, assessoria e acompanhamento?
2. Qual a relação existente entre quem presta e quem recebe os serviços prestados? Qual é a prática dos interlocutores?
3. Como a população avalia os serviços prestados?

GRUPO 3 (relatora: Isalene Tiene)

A questão mais significativa é a preocupação de que realmente esse trabalho passe a ser valorizado demais e ele passe a ser até perigoso.

Essa questão da opção preferencial pelos pobres, que é a opção da direção da Universidade, quando não está norteadada por uma ideologia clara, passa a um assistencialismo que vai até "melhorar" a situação da sociedade como ela está, isto é, mantendo a dominação sobre o pobre.

Então nós retomamos a questão que a Caminha levantou, que a Universidade tinha que pensar um pouco mais por dentro. Uma proposta é que realmente se conheça quem é que está na Universidade.

Conhecemos muitas pessoas da classe trabalhadora que estão na Universidade, e a Universidade vai colocar na cabeça delas todo um conhecimento para servir à burguesia.

Consideramos que um trabalho popular estaria dentro da Universidade... Esses alunos da classe trabalhadora estão estudando. Como é que eles chegaram lá, qual é a expectativa deles e onde estão essas pessoas? Onde estão? Aqui em Campinas? É o que se falava hoje: pensar Campinas através dos próprios alunos que estão frequentando a Universidade.

Agora, aproveitando que estou aqui, queria colocar algo a respeito do seminário. Questiono para quem ele é dirigido. Por que, no fim, a gente discute, e como é que tudo isso é encaminhado? Pela manhã tinha um outro grupo de pessoas que na discussão poderiam dar sugestões que encaminhariam mais...

Fica a sugestão que o próximo seminário fosse mais direcionado; se é para alunos e professores; durante o dia todo, quem é que pode ficar?

(Agrônomo de Piracicaba)

Eu estudei na USP e lá a opção é clara, pois realmente *não se pensa no pobre*, pois tudo é feito já direcionado para a classe dominante. Poderiam até dizer que assim é melhor, pois a opção já *está clara* e declarada. Porém eu acho que não é melhor, não, pois se utilizam recursos, dinheiro do povo, proveniente de impostos, para se fazer *uma ciência para a classe dominante*.

Não acho que na USP seja melhor, apesar da briga se dar sem uma variável de interferência, pois aqui na PUCC esse trabalho muitas vezes assistencialista pode estar sendo confundido com compromisso popular, podendo essa variável estar cegando as pessoas que podem estar bem intencionadas.

Marcelo Borba

Foi debatido também no grupo o problema que temos que superar, *a pena do outro*, e também nós ficamos os coitados, isso acaba amordaçando o "revolucionário" e isso se reflete no imobilismo.

Outra questão é se a Universidade volta da para o compromisso popular *teria que abandonar a pesquisa de ponta, ou não*.

Um dos caminhos talvez para tentar superar a questão do universitário-trabalhador que é cooptado, seja a *incorporação dos fatores sócio-culturais na aprendizagem*.

COMPLEMENTAÇÃO DOS DEBATES PELOS EXPOSITORES

Adriano Nogueira

Enfatizo a relevância da questão de *aparelhar a Universidade para responder às demandas das classes populares*, como a Universidade se posiciona frente aos interlocutores que estão especificando suas expectativas, suas propostas.

Débora Mazza

Em relação ao relacionamento da Universidade e o povo, pode-se dizer que a Universidade já *passou da fase iluminista de levar conteúdo à população*. Hoje em dia ela leva a proposta de *trabalho ombro a ombro com a prática concreta*, na tentativa de humanização. No momento, a Universidade deveria organizar os recursos numa proposta única de trabalho comunitário, num trabalho interdisciplinar.

Adriano Nogueira

Insisto na *importância da interdisciplinaridade* a partir da prática do trabalho conjunto. *Experiência de trabalho na Vila Nogueira: quando somos desafiados na nossa ciência crescemos ombro a ombro*. A interdisciplinariedade mais facilmente *ocorre quando somos desafiados pela realidade concreta*.

Débora Mazza

O processo de compromisso não vai mais pela visão "puritanista" da Universidade no popular. *Entendo que não tenho que abrir mão do meu referencial teórico conceitual, ao qual a Universidade*

me reporta e do qual a Universidade me instrumentaliza. Acho que o compromisso com o popular passa mesmo dentro do instrumental que eu domino, dentro do conhecimento que estou produzindo através do meu instrumental científico.

Paulo Freire

Hoje, pela manhã, em certo momento de minha fala, insisti em que não podemos esperar que a sociedade mude radicalmente para, em seguida, então, fazermos as mudanças radicais também de que a nossa educação precisa. Esta forma de pensar e de agir é ingênua. Em primeiro lugar, nenhuma sociedade se transforma numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Nunca houve isto na história das sociedades. O que há é um processo do qual até reuniões como esta participam ou podem participar.

Sempre falo que a transformação radical implica mudanças que se vão dando às vezes lentamente. As transformações radicais não existem em si mesmas. Quando elas se dão têm que ver com uma série de fatos que ocorreram "antes" delas. O "antes" está aspiado para indicar que os fatos ocorridos fazem parte delas, como processo.

Enquanto a transformação radical de que necessitamos não ocorre mas sua viabilização se acha em devir, nos cabe arriscar hipóteses de trabalho com vistas a melhor formar os jovens que chegam à Universidade com diferentes expectativas.

Na verdade, se há uma coisa que uma Universidade séria, não importa se tradicional, reacionária ou progressista, tem de procurar fazer tão competentemente quanto possível, é ensinar, é pesquisar, quer dizer, é viver intensamente os dois momentos do ciclo gnosiológico a que me referi pela manhã.

Do nosso ponto de vista, neste esforço de formação que não é neutro, deveremos, não apenas falar sobre a relação prática-teoria, mas experimentá-la mais e mais. Por isso mesmo é que, preocupada com o social, comprometida com o popular, não pode a Universidade deixar-se cair, de um lado, na tentação intelectualista, elitista, arrogante, de outro, trabalhar sem seriedade como salientei já.

Estou convencido de que, se a nossa opção enquanto professores ou enquanto comunidade acadêmica é uma opção pela radicalidade democrática, pelas classes populares, devemos praticar radicalmente o ensino necessário e rigoroso das disciplinas, vale dizer, devemos nos dar ao esforço em favor da criação e do desenvolvimento de espírito crítico entre os estudantes.

Uma oportunidade a mais para um tal exercício seria ou poderia ser a que seminários nos quais se discutissem aspectos da prática social poderiam oferecer. Seminários em que se focalizasse, por exemplo, uma greve ocorrendo ou em processo, uma "invasão" de terra em área popular, uma volta de boias frias à casa, o funcionamento de escolas públicas em áreas periféricas e em áreas de classe média. Em seminários assim, que obviamente implicam uma visão crítica do currículo, sua reorientação, estudantes de Educação, para falar só nestes, poderiam ver "encarnadas" algumas, pelo menos, das formulações em debate nos seus cursos. A análise de certos momentos da prática social terminaria por demandar o reconhecimento da importância da cotidianidade bem como o entendimento em torno de como nela nos movemos.

Na medida em que nestes seminários o fundamental seria a discussão de momentos da prática social a partir da qual os professores e os alunos iriam percebendo criticamente a razão de ser

dos fatos, desvelando-os, eles implicam, ora uma ida da Universidade às ruas onde os fatos se dão, ora uma "vinda" das ruas ao interior da Universidade. A rua, a favela, a escola do bairro podem vir ao interior da Universidade já através dos jornais, de fotografias tiradas especialmente para o seminário, da televisão, de gravações ou finalmente do vídeo.

Imaginemos, por exemplo, o quanto podemos ensinar e aprender acompanhando pelo vídeo, uma hora de gravação da atividade de uma professora em sua escola popular. A análise de seu comportamento, a forma como se relaciona com os alunos, a maneira como estes agem. A possibilidade que temos de comparar as práticas de diferentes professoras atuando com alunos de classes sociais diversas.

É muito, afinal, o que podemos aprender e ensinar com a prática "fotografada", jamais imobilizada, com a prática viva.

Da gravação em vídeo de uma hora de atividade da professora da escola pública, da gravação de uma manhã de domingo na favela, da reunião de assembléia de uma organização popular poderíamos chegar a estabelecer um movimento de ida e volta entre a Universidade e bairros populares. Poderíamos mostrar nas áreas populares como os acadêmicos discutem a cotidianidade nas áreas populares e trazer aos acadêmicos que não podem ir a elas a opinião dos grupos populares sobre o juízo dos acadêmicos.

Este é, creio, exemplo de uma atividade que podendo ser desenvolvida numa sociedade hegemonicamente burguesa poderá ser intensificada e aprofundada numa sociedade hegemonicamente popular. O segundo momento na verdade começa no primeiro. A

hegemonia popular se constitui na e pela superação da hegemonia burguesa, que não se realiza na cabeça de ninguém mas na História.

ENCERRAMENTO

Maria Soares de Camargo

Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa? Antes de passar a palavra para o Paulo de Tarso encerrar, gostaria de perguntar se vocês teriam alguma sugestão para continuação dos trabalhos. A I salene já deu um parecer sobre a avaliação do seminário. Realmente houve um problema, o público da manhã em grande parte foi outro do que o público da tarde, então, fica um pouco difícil fazer esses seminários de dia todo. Acho que já foi um ensinamento que a gente aprendeu hoje, vamos fazer mais seminários de um período só, porque alguns cursos são matutinos outros vespertinos e o pessoal não pode sempre perder aulas. Além disso, haveria ainda alguma sugestão para avaliar o nosso dia que alguém gostaria de apresentar?

Maria Cristina Boog

Eu acredito que o problema não foi só o fato de não ser um mesmo público, mas também essa *parte da tarde deveria ter sido mais direcionada*. Aquelas perguntas foram redigidas conforme foi se falando, ficou um pouco difícil, era muita coisa, nós inicialmente tínhamos meia hora, eram muitos itens... Se tivesse sido feito como foi colocado inicialmente de manhã, que os grupos iriam ser distribuídos conforme os interesses de determinadas perguntas. Realmente eu acho que funcionaria mais se cada grupo soubesse com o compromisso de tentar encontrar uma resposta para pelo menos duas daquelas questões, e não como compromisso aberto de encontrar alguma resposta para qualquer

uma delas.

Maria Soares de Camargo

Mais alguma coisa? Não. Então passo a palavra para o Paulo de Tarso.

Paulo de Tarso Barbosa Duarte

Antes de dar a palavra final, eu gostaria de manifestar um agradecimento especial à presença da professora Marta Gushiken, da Secretaria de Assistência ao Estudante da UNICAMP, que se encontra conosco desde hoje pela manhã, participando intensamente destes trabalhos. Agradecer aos professores Adriano e Débora, pela magnífica contribuição que trouxeram a este dia de reflexão e trabalho, que nós estamos concluindo neste instante.

Ao professor Paulo Freire os agradecimentos são do cotidiano para usar a palavra mais em voga no dia de hoje. Nestes encontros, Paulo Freire tem estado conosco, e a nossa expectativa é de que continue conosco.

A sua presença tem motivado a Universidade a uma reflexão sistemática sobre sua experiência; sobre suas tentativas, na verdade; sobre seus desacertos; seus desencontros e, sobretudo, sobre seus sonhos e suas esperanças.

Isso tem sido para nós motivador. Pode ser pouco, mas, na verdade nós que conhecemos esta nossa Universidade Católica há muitos anos, sabemos que agora parece estar tentando encontrar o seu verdadeiro caminho, pelo menos está se debruçando sobre ele de uma maneira metódica, sistemática.

ca, com a seriedade que o professor Paulo Freire tem ajudado a construir. E dizendo isto eu agradeceria a presença de todos, na expectativa de que nós tenhamos outros encontros, talvez com divulgação ampla, talvez um pouco mais restritos como têm sido os encontros de todas as quartas-feiras, nestas conversas com Paulo Freire, que a Universidade institucionalizou. Agradecendo a todos, eu encerraria por aqui os nossos trabalhos, hoje.